

O USO DE INICIAIS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO E O MANUAL DE REDAÇÃO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Marina Carneiro de Rezende Vilhena*

Resumo

Apresenta-se neste artigo, embasado por um referencial teórico sobre formatação de estilo jornalístico e consequente padronização de elementos textual-discursivos, um estudo comparativo entre o **manual de O Estado de S. Paulo** e o **manual da Folha de S. Paulo**, no tocante ao uso de iniciais maiúsculas e minúsculas nas diversas situações de emprego das palavras. Por meio desse estudo, constata-se a predominância da convergência desse elemento linguístico entre os dois manuais, reforçando o aspecto de uniformização da escrita jornalística. Quanto às divergências apontadas na comparação, utilizou-se, como *corpus* de pesquisa, fragmentos de matérias jornalísticas publicadas nos citados jornais, verificando-se o fiel cumprimento do revisor às normas estipuladas nos dois manuais, sobressaindo, assim, a presença efetiva da padronização no texto jornalístico. O estudo comparativo possibilitou também verificar que os citados manuais expandem a aplicação do uso de iniciais maiúsculas e minúsculas, apresentando mais opções de emprego das palavras se comparado às das fontes oficiais, como o Acordo Ortográfico de 1990 e gramáticas normativas. Torna-se referência não só para o jornalista/revisor, mas para revisores que atuam em outros gêneros textuais, alcançando o objetivo principal deste artigo que é o de destacar que os manuais, como instrumentos tecnológicos, são uma das fontes de produção do conhecimento sobre a história da língua, que complementam a construção e disseminação da norma culta, já que podem substituir, em casos específicos, as fontes oficiais, principalmente na consulta de dúvidas.

Palavras-chave: Ortografia. Maiúsculas e minúsculas. Manuais jornalísticos. Padronização. Estilo jornalístico.

THE USE OF CAPITAL LETTERS AND LOWERCASE: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE EDITORIAL AND STYLE MANUAL OF THE NEWSPAPER STATE AND THE MANUAL FOR EDITING THE NEWSPAPER SHEET OF S. PAULO

Abstract

This article presents, based on a theoretical framework on journalistic style formatting and consequent standardization of textual-discursive elements, a comparative study of **O Estado de S. Paulo Manual** and **Folha de S. Paulo Manual**, regarding the use of capitalization and lowercase in different situations concerning the use of words. Through comparative study, one can notice the predominance of convergence of this linguistic element between the two manuals, tightening the focus of standardization of journalistic writing. As for the differences noted in this comparison, fragments of newspaper articles published in those newspapers, were used as a corpus of research. It was then verified the faithful fulfillment of the journalist/reviewer to the rules stipulated in the two manuals, highlighting thus the effective presence of standardization in journalistic texts. This comparative study also made it possible to verify that the above mentioned manuals expand the application of the use of uppercase and lowercase initials, presenting a wider range of word usage situations compared to official sources such as the Orthographic Agreement of 1990 and grammar regulations. It is a reference not only to the journalist/reviewer, but for reviewers who work in other textual genres, reaching the objective of this article which is to highlight that the manuals, as technological tools, are one of the sources of production of knowledge about the history of the language, which complement the construction and dissemination of cultural norms or educational standards, since they can replace, in specific cases, official sources, mainly in doubt consultation situations.

Keywords: Spelling. Upper and lowercase. Journalistic manuals. Standardization. Journalistic style.

Recebido em 15/04/2017

Aceito em 01/09/2017

* Formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Ex-assessora de Comunicação do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), aposentada. Especialista em Revisão de Textos pelo Instituto de Educação Continuada – IEC PUC Minas. Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de conclusão de curso, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Terezinha Tabora Moreira (Programa de Pós-graduação em Letras/PUC Minas).

1 Introdução

Discorrer sobre o uso de iniciais maiúsculas e minúsculas no emprego das palavras é, antes de mais nada, referir-se à padronização textual. Ao fazer um estudo comparativo, no tocante a esse aspecto ortográfico, entre o **Manual de redação de O Estado de S. Paulo** e o **Manual de Redação da Folha de S. Paulo**, verifica-se que a padronização é o cerne da estrutura editorial dessas duas publicações, constituindo-se em uma ferramenta “para a elaboração de textos de acordo com critérios de excelência” (MANUAL DA REDAÇÃO DA FOLHA DE S. PAULO, 2013, p.51).

Em seu artigo “Como se livrar de uma acusação com algumas notas”, publicado nos “Cadernos de iniciação científica do centro de pesquisa da fundação casa de Rui Barbosa — FCRB”, Maria Clara Antônio Jerônimo relata sua experiência de ter participado da equipe responsável pela elaboração do **Manual de normas editoriais da FCRB**, constituído de três blocos: regras de citações e notas; referências bibliográficas e padronização textual. Apesar de o artigo dar ênfase ao bloco de citações e notas, a autora destaca:

No que se refere à padronização textual, os problemas são inúmeros e, muitas vezes, de difícil solução. Decidir pelo uso de iniciais maiúsculas e minúsculas, aspas simples, aspas duplas, itálico não é uma decisão tão fácil. Afinal todas essas regras — não podemos esquecer — existem em função de algo muito complexo e delicado: o texto. O importante é que, desde que se estabeleça um critério, ele deve ser aplicado em todo o texto. (JERÔNIMO, 2008, p. 41).

Jerônimo enfatiza ainda que “as normas editoriais não devem ser um tormento para aqueles que trabalham o texto. Devem, sim, funcionar como ferramenta de acabamento para a construção de um texto limpo e honesto.” (JERÔNIMO, 2008, p. 40).

Todavia, não existe um critério único, uma fonte consensual, que oriente os revisores quanto à colocação mais adequada e correta das iniciais maiúsculas e minúsculas nos vocábulos. Constata-se uma diversidade de orientações editoriais em relação à questão. Várias instituições públicas e privadas, casas editoriais, empresas jornalísticas elaboram seus próprios manuais de redação, inserindo-se aí o uso de iniciais maiúsculas e minúsculas. O Formulário ortográfico de 1943 e o Acordo Ortográfico da língua portuguesa de 1990 regulam oficialmente o tema e a “Moderna gramática portuguesa”, de Evanildo Bechara, em sua 38ª edição, também estabelece normas conforme preconizado pelo Acordo, mas essas fontes abrangem parcialmente a diversidade de possibilidades de emprego das palavras, referentemente às variantes maiúsculas e minúsculas. Tal premissa pode ser constatada em declaração de Maria Tereza de Queiroz Piacentini, em sua coluna nº 162 do site “Língua Brasil”, publicada no livro impresso “Não tropece na língua”, ao responder pergunta de leitor sobre o uso de inicial maiúscula em nomes compostos:

Como já disse outras vezes, o emprego das iniciais maiúsculas não ficou claro no Formulário ortográfico de 1943 (oficial). Não se tratou ali (e tampouco no Acordo Ortográfico 2009) das iniciais em nomes compostos. (PIACENTINI, 2013, p. 167).

Piacentini, entretanto, ressalta, ainda em sua coluna de nº 162, que o **Grande manual de ortografia**, de Celso Pedro Luft, trata das iniciais maiúsculas em nomes compostos, sendo que a autora, inclusive, traz exemplo, incluindo trecho de citação do filólogo: “Nas composições hifenizadas, os elementos gozam de independência gráfica: Decreto-Lei, com L maiúsculo” (LUFT, 1983 *apud* PIACENTINI, 2013, p. 167).

Ao verificar a 3ª edição (reorganizada, revista e atualizada) do “Grande manual de ortografia”, do referido autor, com supervisão de Lya Luft, nota-se, realmente, no capítulo “A forma das letras – maiúsculas e minúsculas”, maior clareza e abrangência das possibilidades de emprego das palavras no tocante a iniciais maiúsculas e minúsculas, apesar de o número de exemplos de ocorrências ser inferior ao de ocorrências dos manuais jornalísticos, objeto do presente estudo.

Dessa forma, a opção pelo estudo comparativo dos **Manuais de redação de O Estado de S. Paulo** e da **Folha de S. Paulo**, no tocante ao uso de iniciais minúsculas e maiúsculas, deve-se ao trabalho de normalização desenvolvido por esses veículos jornalísticos. Apesar de não divergir do Acordo Ortográfico, o **Manual de redação e estilo do Estado de S. Paulo**, por exemplo, lista e exemplifica 66 possibilidades de emprego das variantes minúsculas e maiúsculas, contra somente 16 possibilidades apresentadas pelo referido Acordo.

Ao focar no estudo comparativo desses dois manuais, lança-se neste artigo a seguinte indagação: existem convergências e/ou divergências entre os dois manuais de redação jornalística quanto à colocação das iniciais maiúsculas e minúsculas nas diversas situações de emprego das palavras? Essa indagação suscita a necessidade de se demonstrar como o jornalista/revisor aparentemente lida com as divergências, isto é, se ele estabelece critérios diferentes daqueles que estão apontados nos manuais.

Os objetivos deste estudo serão: contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho de revisão de textos jornalísticos e de outros gêneros textuais; conhecer as formas próprias de ortografia ou estilo (no que se refere ao emprego de iniciais maiúsculas e minúsculas) dos dois manuais; destacar que eles são uma das fontes de produção do conhecimento sobre a história da língua, que complementam a construção e a disseminação da norma culta, já que podem substituir, de forma parcial e em casos específicos, as gramáticas, principalmente em situações de consulta de dúvidas.

Para tanto, será estabelecida, como metodologia, a apresentação de um apanhado teórico que verse sobre a formatação do estilo jornalístico e a consequente padronização de elementos textual-discursivos. Aliado a esse referencial, o artigo trará, como *corpus*, a análise comparativa de convergências e divergências dos referidos manuais em relação ao uso de maiúsculas e minúsculas, conforme quadro constante na seção “Estudo comparativo e Resultados” deste artigo. Acrescenta-se também a análise de matérias jornalísticas publicadas nos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Folha de S. Paulo**, cujo estudo poderá evidenciar se os jornalistas/revisores dos dois jornais adotaram ou não, em suas escritas, o mesmo critério de emprego de maiúsculas e minúsculas estabelecido nos seus respectivos manuais.

2 Fundamentação teórica

Piacentini (2013), em sua coluna nº 258 do site “Língua Brasil”, publicada no livro impresso **Não tropece na língua**, traz a seguinte indagação de leitores de sua coluna: o que é afinal a língua-padrão, ela se difere da norma culta? Para ela, “o padrão de língua ideal a que as pessoas querem chegar é [...] aquele que circula nos meios de comunicação, no âmbito oficial, nas esferas de pesquisa e trabalhos acadêmicos.” (PIACENTINI, 2013, p.246). A autora destaca que os linguistas entendem que há essa língua circulante, que para eles seria certa, real e concreta em todas as suas variedades e evolução linguística, empregada por segmentos mais letrados da população e que se poderia chamar de norma culta. Todavia, prossegue a autora, esses mesmos linguistas ressaltam que essa língua culta seria diferente da língua fixada nas fórmulas gramaticais, da língua ideal, de modelo abstrato do que é “bom” e “correto”, conformando-se em uma língua artificial, situada num nível hipotético, denominada assim língua-padrão, ou norma-padrão, ou norma canônica. Por conseguinte, a autora argumenta:

[...] como são presumivelmente cultos os sujeitos que produzem os jornais, a documentação oficial, os trabalhos científicos, só pode ser culta a sua linguagem. Mesmo que a língua que tais pessoas falam e os textos que produzem nem sempre se coadunem com as regras rígidas impostas pela gramática normativa, divulgada na escola e em outras instâncias (de repressão linguística) como o vestibular. (PIACENTINI, 2013, p.247).

Desta forma, Piacentini (2013), na coluna nº 260 do site “Língua Brasil”, publicada no livro impresso **Não tropece na língua**, pondera que não se pode fazer uma separação, em áreas de uso distintas, para a norma culta e a norma-padrão (ou língua-padrão), porque “muitas vezes as duas andam de mãos dadas” (PIACENTINI, 2013, p.248), como por exemplo:

[...] na imprensa escrita se encontra simultaneamente o uso da norma canônica [norma-padrão] e das outras variedades linguísticas, embora o consenso seja de que os jornais e revistas de grande circulação são paradigmas da norma culta, pois produzidos por pessoas de escolarização completa, como os jornalistas, e circulam num estrato social urbano identificado como “culto”, de camadas da população que apresentam história de letramento familiar e amplo acesso aos bens de consumo, cultura e lazer. (PIACENTINI, 2013, p. 248).

Portanto, o importante para Maria Tereza Piacentini não é estabelecer uma dicotomia em que o conceito de língua-padrão seja o certo e o não padrão seja o errado, já que a língua é viva, sofre variações e evolui linguisticamente. Os jornalistas, inseridos na camada culta da população, disseminam a norma culta, em que se utilizam da estrutura da língua-padrão, mas incorporam as evoluções, optando por usos linguísticos que, muitas vezes, diferem da regra prescrita, estanque das gramáticas normativas.

Essa visão é também compartilhada por Garcez ao dizer que “o que define a norma ou padrão culto é o uso consensualmente aceito e consagrado como correto pelos falantes que têm alto grau de escolaridade” (GARCEZ, 2002 apud COELHO NETO, 2013, p.95).

Aristides Coelho Neto incorpora, de certa forma, essas premissas, já que entende que “o conjunto das gramáticas deve ser enriquecido com tudo aquilo que contêm [...] os jornais

e revistas tradicionais de grande circulação.” (COELHO NETO, 2013, p. 95). Assim, o autor deixa clara a importância de se incluir as regras práticas amplamente divulgadas pela mídia, por meio de seus manuais de redação e estilo, que, na opinião de Coelho Neto, funcionam como obras de apoio, esclarecendo dúvidas e promovendo a sistematização de fatos gramaticais que porventura constituam erros de uso da norma. Todavia, Coelho Neto, no que tange ao trabalho da revisão textual, adverte e delimita a função desempenhada pelos manuais:

Nos trabalhos de revisão textual, não há como dispensar as gramáticas normativas, as descritivas e as pedagógicas. Elas constituem material de aprofundamento para os que já dominam o sistema e o subsistema da língua. Já os manuais de redação e estilo governamentais, jornalísticos, empresariais são instrumentos de homogeneização da redação institucional. Sua praticidade é incontestável. Não substituem, porém, outras fontes de referência, como gramáticas e dicionários — os manuais são complementares. (COELHO NETO, 2013, p. 96).

Como este artigo foca o estudo comparativo de manuais de redação jornalísticos, é importante esclarecermos sobre o conceito e a função desempenhada por esses “instrumentos tecnológicos”. Este termo é adotado por Maraísa Lopes (2012) que, ao utilizá-lo, em sua tese de doutorado intitulada **Folha: do manual ao jornal ou do jornalístico ao pedagógico**, defende:

[...] os manuais de redação de empresa jornalística, em meu caso, a Folha, se configurariam enquanto um instrumento tecnológico do espaço discursivo do jornalismo (hipótese com a qual passei a trabalhar), que pauta a escrita jornalística que, por sua vez, inscreve-se na produção de conhecimento sobre a história da língua [...], funcionando como um instrumento linguístico. (LOPES, 2012, p. 177).

Assim, ao padronizarem recursos estilísticos da escrita jornalística, que, por conseguinte, produzem conhecimento sobre a língua, os manuais, com o objetivo de promover maior homogeneização, desempenham a função de auxiliar a propagação da norma culta.

Antes de abordar os manuais de redação jornalísticos, é necessário fazer uma breve exposição sobre a questão do estilo jornalístico. Para Mônica Caprino, em seu artigo “Questão de estilo: o texto jornalístico e os manuais de redação”, “a padronização sempre foi um elemento essencial ao estilo jornalístico.” (CAPRINO, 2002, p. 100). A autora acrescenta que o mais apropriado é se referir ao termo “estilo” jornalístico do que a linguagem jornalística, já que, segundo Burnett, pode-se afirmar que “não há uma língua de jornal” (BURNETT, 1991 apud CAPRINO, 2002, p. 98), mas sim um estilo jornalístico de escrever. A evolução desse estilo é retratada por Caprino, que associa o estilo moderno à imprensa americana, a qual, no final do século XIX, aliada às transformações tecnológicas, estrutura-se em empresas inseridas no modo de produção capitalista, principalmente por meio de agências de notícias. Esses fatores influenciam o texto jornalístico, fazendo surgir a chamada pirâmide invertida, em que as informações da notícia são disponibilizadas hierarquicamente, por ordem decrescente de importância. Nessa apresentação, o primeiro parágrafo da notícia é geralmente estruturado no lide (quem, o quê, quando, como, onde e por quê), que relata, de forma sintética, os fatos mais importantes da notícia. O objetivo do lide é imprimir objetividade e rapidez à informação, de forma a atrair e prender a atenção do leitor para que ele prossiga na leitura dos parágrafos seguintes.

Conforme Caprino, surgem também, nessa época, nos Estados Unidos, os primeiros manuais de redação específicos para o jornalismo. No Brasil, que adotava um estilo europeu de jornalismo, com predominância de linguagem rebuscada, a reforma do estilo da imprensa começou acanhadamente na década de 1950, em que foram introduzidos, pelo jornal “Diário Carioca”, o lide, o manual de redação e o *copy desk*.

Especificamente em relação aos manuais de redação jornalísticos, Caprino relata também, em seu artigo, segundo José Marques de Melo, que “o primeiro manual de redação apareceu em Pernambuco, no final da década de 1920, elaborado por Gilberto Freyre” (CAPRINO, 2002, p. 101), quando, após retornar dos Estados Unidos, torna-se diretor do jornal pernambucano “A Província”: “Reproduz-se aqui a padronização que já estava presente nos Estados Unidos desde o final do século XIX”, completa Caprino (2002, p.101). Todavia, a experiência fica restrita ao Estado de Pernambuco, sendo que os manuais só voltam à cena nos anos 1950, ocasião em que o jornal “Diário Carioca”, já citado acima, lança seu primeiro manual, que se torna então referência nas redações brasileiras. Gradualmente, as empresas jornalísticas vão adotando regras de redação. O jornal Folha de S. Paulo lança, em 1984, a primeira versão de seu manual de redação. Caprino (2002, p. 102) relata em seu artigo declaração de Luiz Garcia, autor do manual de redação de O Globo, por ocasião de realização de debate em comemoração ao lançamento da edição de 2001 do manual de redação da Folha. Garcia declara que “a Folha teve o pioneirismo, em relação ao dos outros jornais, de lançar o seu manual como um livro posto à venda nas livrarias.”¹ Em 1990, é a vez de o jornal O Estado de S. Paulo lançar sua primeira edição do manual de redação e estilo, de autoria do jornalista Eduardo Martins, que foi inclusive secretário de redação do referido jornal. Em 1997, Aluizio Maranhão, então diretor de redação do jornal à época da terceira edição do manual do Estadão, cujo texto de apresentação foi de sua autoria, ressalta a importância da democratização do acervo de conhecimento dos veículos jornalísticos, até então confinados na redação:

A profissionalização crescente da atividade jornalística, porém, permitiu que se percebesse que aqueles manuais poderiam ser editados em livro para um mercado carente de publicações voltadas para a **aplicação prática da língua**. (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DE O ESTADO DE S. PAULO, 1997, p.6. Grifo nosso).²

Dessa forma, evidencia-se, mais uma vez, conforme preconizado por Piacentini, a importância da linguagem ou estilo jornalístico na disseminação e na evolução da norma culta.

Corroborando essa evidência, retoma-se Caprino que, ao elencar as diversas funções e objetivos dos manuais, cita os de “substituir parcialmente as gramáticas, principalmente na função de consulta de dúvidas” (CAPRINO, 2002, p. 101), além da padronização de normas de estilo jornalístico e do veículo específico, passando pela divulgação ideológica (linha editorial) da empresa jornalística, pela divulgação do nome do jornal junto ao grande público e pelo estreitamento da sua relação com o leitor.

1 Debate de lançamento do Manual da Redação, com participação de Luiz Garcia. São Paulo, 20 fev. 2001. Auditório da Folha de S. Paulo.

2 Trecho da apresentação de Aluizio Maranhão para o manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo, 3 ed., 1997.

Acrescentando às funções elencadas por Caprino, Maraísa Lopes (2012) inclui a função pedagógica que o texto jornalístico tem exercido na esfera da escola. A escrita jornalística, respaldada pelos manuais, torna-se, cada vez mais, referência, verificando-se a apropriação dos textos midiáticos pela escola, principalmente na produção editorial didática, que vem substituindo o texto literário pelo jornalístico.

Todavia, Caprino alerta sobre as acusações de alguns linguistas de que “os manuais são disciplinadores excessivos do texto, criando uma camisa de força.” (CAPRINO, 2002, p. 103). Prosseguindo, faz o contraponto, utilizando-se de uma declaração de Eduardo Lopes Martins Filho (2000 *apud* CAPRINO, 2002), autor do **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, de que “os manuais funcionam mais ao âmbito da orientação do que da imposição, embora admita que toda padronização é uma camisa de força.” A autora ainda insere a seguinte indagação de Martins: “Quando o Manual do Estado recomenda que a pessoa diga que ela deva preferir uma coisa a outra, e não preferir uma coisa do que a outra, isso é uma camisa de força?”

Já Lopes é mais enfática, afirmando que “o texto jornalístico é também resultante da prática de uma escrita instrumentalizada pelo manual da redação.” (LOPES, 2012, p. 78). Lopes reforça seu argumento ao reproduzir citação de Pfeiffer, que, ao abordar o papel do jornal no ensino da língua, declara que a relação do jornal com a língua, por meio da padronização presente nos textos jornalísticos, embora aproximem os alunos da língua culta, “pauta-se pelos mesmos pressupostos normativos das gramáticas.” (PFEIFFER, 2001 *apud* LOPES, 2012, p.34).

Assim, passemos ao estudo comparativo dos manuais de redação dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, no que se refere às normas de padronização desenvolvidas por esses dois veículos de mídia, no tocante à colocação de iniciais maiúsculas e minúsculas nas diversas situações de emprego das palavras constantes do texto jornalístico.

3 Estudo comparativo e resultados

A seguir, foram elencadas ocorrências relativas ao uso de maiúsculas e minúsculas, foco deste estudo:

Quadro comparativo entre os manuais de redação do Estadão e da Folha (iniciais maiúsculas e minúsculas)

Emprego das palavras convergentes entre os dois manuais	Emprego das palavras divergentes entre os dois manuais	Emprego das palavras abordadas somente por um dos manuais	
		Estadão	Folha
		Minúscula	Minúscula
<p><u>Maiúsculas</u></p> <p>1. Início de período ou frase</p> <p>2. Início de citação</p> <p>3. Nomes próprios</p> <p>4. Deus e o Diabo</p> <p>5. Qualificativos ou apelidos de personalidades históricas. Ex.: Ivã, o Terrível</p> <p>6. Nomes próprios compostos unidos por hífen / Palavras hifenizadas que mantêm sua autonomia fonética</p> <p>Exemplo: Grã-Bretanha / Procuradoria-Geral</p> <p>7. Estado (conceito político, designação do poder oficial, da nação e sinônimo de unidade administrativa em que se divide um país). Ex.: O Estado tem poder sobre os cidadãos / Os Estados de Minas e Bahia</p> <p>8. Conceitos políticos ou filosóficos relevantes</p> <p>Ex.: Justiça, Igreja, Constituinte</p> <p>9. Constituição (no sentido de Carta Magna). Ex.: A Constituição brasileira prevê a liberdade de imprensa.</p> <p>10. Leis e Normas (quando constituírem nomes próprios)</p> <p>Ex.: Lei de Diretrizes e Bases</p> <p>11. Instituições e órgãos. Ex.: Presidência da República / Senado / Secretaria da Fazenda / Exército / Banco Central</p>	<p>1. Nomes de Santo/São</p> <p>Estadão: maiúscula (São Pedro)</p> <p>Folha: minúscula (santo Antônio)</p> <p>2. Nomes de entidades religiosas e anjos</p> <p>Estadão: maiúscula (São Gabriel Arcanjo)</p> <p>Folha: minúscula (arcanjo Gabriel)</p> <p>3. Designação de orixás ou figuras da umbanda</p> <p>Estadão: maiúscula (Oxum)</p> <p>Folha: minúscula (caboclo Pena Branca)</p> <p>4. País</p> <p>Estadão: maiúscula (quando se referir ao Brasil e não houver determinativo)</p> <p>Exemplo: O País manda tropas para a África.</p> <p>Folha: minúscula (mesmo quando se referir ao Brasil)</p> <p>Exemplo: O país elegeu seus deputados.</p> <p>5. Nação</p> <p>Estadão: maiúscula (quando se referir ao Brasil). Ex.: a Nação</p> <p>Folha: minúscula (não use para designar o Brasil). Ex.: A nação palestina</p>	<p>1. Se depois de dois-pontos vier um mero desdobramento da frase ou enumeração. Ex.: Comerciantes alertam: faltarão brinquedos no Natal.</p> <p>2. Nomes compostos em que o nome próprio se torna parte integrante de um substantivo comum. Ex.: ao deus-dará</p> <p>3. Nomes de personagens ou entidades do folclore. Ex.: saci, mula-sem-cabeça, lobisomen</p> <p>4. Palácio (quando isolado)</p> <p>Ex.: O deputado estava em palácio com o governador.</p> <p>5. Dinastias (formas adjetivas)</p> <p>Ex.: carolíngios, angevinos, sassânidas</p> <p>6. Tribos indígenas. Ex.: os xavantes, os tucanos, os caingangues</p> <p>7. Estações do ano. Ex.: primavera, verão</p> <p>Maiúscula</p> <p>8. Nomes próprios de figuras mitológicas. Ex.: Júpiter, Baco</p> <p>9. Nomes comuns, quando personificados ou individualizados. Ex.: a Virtude, o Amor</p>	<p>1. Movimentos e escolas artísticas. Ex.: romantismo, barroco, surrealismo, impressionismo, dadaísmo</p> <p>2. Ecossistemas</p> <p>Ex.: cerrado, floresta amazônica</p> <p>Maiúscula</p> <p>3. Período geológico. Ex.: Pré-Cambriano</p>

<p>12. Igreja (quando se tratar de instituição). Ex.: A Igreja Católica tem novo papa / A Igreja Anglicana</p> <p>13. Ministério (quando designar pelo nome próprio um dos órgãos do governo brasileiro ou de outros países) Ex.: Ministério do Exército</p> <p>14. Nomes de entidades, escolas feiras, festas, exposições, seminários, simpósios e congressos. Ex.: Federação das Indústrias / Escola Caetano de Campos / Festa do Peão de Boiadeiro / Feira de Arte de Colônia / Congresso Brasileiro de Radiodifusão</p> <p>15. Prêmios e distinções. Ex.: Prêmio Nobel de Literatura / Ordem do Cruzeiro do Sul</p> <p>16. Corpos celestes. Ex.: Os astronautas chegaram à Lua / A Terra é iluminada pelo Sol</p> <p>17. Datas oficiais e nomes de fatos históricos, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos. Ex.: Sete de Setembro / Revolução Francesa / Dia do Trabalho / Segunda Guerra Mundial / Dia das Mães / Plano Real</p> <p>18. Festas religiosas. Ex.: Páscoa / Natal / Semana Santa</p> <p>19. Eras históricas ou épocas notáveis. Ex.: Antiguidade / Idade Moderna / Era Cristã / Alta Idade Média</p>	<p>6. Prefeitura</p> <p>Estadão: minúscula (quando se referir às prefeituras dos demais municípios, exceto quando se referir a São Paulo, capital)</p> <p>Exemplo: a prefeitura do Rio</p> <p>Folha: maiúscula (se fizer parte de nome completo, abrange todas as prefeituras)</p> <p>Ex.: Prefeitura de São Paulo, Prefeitura de BH</p> <p>7. Município</p> <p>Estadão: maiúscula (quando se referir a São Paulo, capital; nos demais municípios grafa-se com minúscula)</p> <p>Ex.: Município de São Paulo / os municípios de Santos e Guarujá</p> <p>Folha: minúscula (em relação a todos os municípios brasileiros, incluindo o de São Paulo)</p> <p>8. Leis e Normas (apenas conhecidas por seus números)</p> <p>Estadão: maiúscula (Decreto-Lei nº 56)</p> <p>Folha: minúscula (lei nº 5.250)</p> <p>9. Igreja (quando acompanha uma designação)</p> <p>Estadão: maiúscula (A Igreja da Candelária)</p> <p>Folha: minúscula (A missa de sétimo dia será às 18h20 desta quinta na igreja Assunção de Nossa Senhora)</p>	<p>10. Denominação de edifícios, monumentos, estabelecimentos públicos ou particulares, estádios, ginásios, autódromos, hipódromos, aeroportos, ferrovias, rodovias, cemitério (designação que se incorpore ao nome próprio). Ex.: Torre Eiffel Monumento ao Soldado, Edifício Itália, Palácio do Planalto, Lojas Americanas, Cine Ipiranga, Estádio do Maracanã, Autódromo de Interlagos, Hipódromo da Gávea, Aeroporto de Congonhas, Rodovia Fernão Dias, Cemitério do Araça</p> <p>11. Nomes de torneios e campeonatos. Ex.: Torneio Sul-América, Campeonato Gaúcho, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Troféu Brasil</p> <p>12. Formas de tratamento cerimoniais e suas abreviaturas. Ex.: Vossa Excelência, V. Exa.</p>	
--	--	---	--

<p>20. Títulos de livros, revistas, artigos, produções artísticas, literárias e científicas em geral (filmes, discos, peças de teatro, pinturas, esculturas, óperas, teses etc.) e programas de TV</p> <p>Obs.: artigos, preposições, conjunções e partículas átonas que ocorrem no meio do título são grafados com minúsculas. Ex.: Grande Sertão Veredas / Veja / Guernica / Lago dos Cisnes / Jornal Nacional / Guerra e Paz</p> <p>21. TV ou Rede (especificando o nome da emissora). Ex.: Rede Bandeirantes / TV Globo / Rede Globo</p> <p>22. Jornal (especificando o nome do periódico, sendo que a palavra “jornal” faz parte da sua logomarca). Ex.: Jornal do Brasil</p> <p>Obs.: nos demais títulos, grafa-se com inicial minúscula (o jornal Folha de S. Paulo).</p> <p>23. Região geográfica ou espacial, oficial ou consagrada. Ex.: Triângulo Mineiro / Baixada Fluminense / Leste Europeu / Oriente Médio / Cone Sul</p> <p>24. Pontos Cardeais que designam conceitos geopolíticos, grandes regiões do Brasil e do mundo e que fizerem parte de nomes próprios. Ex.: Nordeste / Região Sul / Sudeste Asiático / Velho Oeste / Os países do Norte devem ajudar as economias subdesenvolvidas.</p>	<p>10. Ministério (quando se referir ao conjunto de ministros/ministérios)</p> <p>Estadão: maiúscula (O Ministério do governo Lula)</p> <p>Folha: minúscula (O ministério de Getúlio Vargas)</p> <p>11. Ministério (quando se mencionar mais de um ministério)</p> <p>Estadão: maiúscula (Os Ministérios da Agricultura, Saúde e Educação)</p> <p>Folha: minúscula (Os ministérios da Agricultura e da Fazenda)</p> <p>12. Ciências, Ramos do Conhecimento e Disciplinas</p> <p>Estadão: <u>maiúscula</u> (quando tomados em sua dimensão mais ampla). Ex.: Filosofia, Arte, Cultura, Português, Astronáutica</p> <p><u>maiúscula</u> (disciplinas de um exame). Ex.: Fuvest realiza amanhã as provas de Língua Portuguesa e Biologia.</p> <p><u>minúscula</u> (se não houver necessidade de relevo especial). Ex.: Gosta muito de matemática.</p> <p>Folha: minúscula (em todas as acepções)</p> <p>Ex.: filosofia, arte, português, medicina, paleontologia, literatura, pedagogia, química</p>		
---	---	--	--

<p>25. Siglas com até três letras (ONU), com quatro letras ou mais quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou parte delas (CNBB). As siglas e acrônimos com quatro letras ou mais quando são pronunciáveis terão apenas a inicial maiúscula e restante minúsculas (Petrobras), todavia há exceções.</p> <p>Minúsculas</p> <p>26. Nomes próprios que se tornaram sinônimos de outros comuns. Ex.: Foi escolhido para cristo</p> <p>27. Capital. Ex.: A capital de São Paulo</p> <p>28. Na segunda referência no texto a um órgão, instituição, que aparece de forma simplificada. Ex.: O Ministério da Fazenda divulgou ontem o novo pacote econômico. Com ele, o ministério pretende...</p> <p>29. Igreja (na segunda referência à instituição e quando a menção for ao templo, à edificação). Ex.: Começou ontem a demolição da igreja.</p> <p>30. Ministério (em segunda referência ou não especificado). Ex.: Minas pretende um ministério.</p> <p>31. Governo. Ex. O governo brasileiro</p> <p>32. Ocupantes de cargos, títulos e profissões. Ex. O ministro Antônio Kandir / O médico João da Silva, 37, foi nomeado diretor da Faculdade de Medicina.</p>	<p>13. Festas populares e pagãs</p> <p>Estadão: minúscula (carnaval, bacanaís, saturnais)</p> <p>Folha: maiúscula (Carnaval)</p> <p>14. Rádio (especificando nome da emissora)</p> <p>Estadão: maiúscula (Rádio Eldorado)</p> <p>Folha: minúscula (rádio Verdes Mares)</p> <p>15. Acidentes geográficos e suas denominações</p> <p>Estadão: maiúscula (Rio Tietê, Pico da Neblina, Ilha Solteira, Lagoa dos Patos, Monte Everest, Oceano Atlântico)</p> <p>Folha: minúscula (ilha do Bananal, cabo Horn, estreito de Magalhães, oceano Atlântico)</p> <p>16. Vias e Logradouros públicos</p> <p>Estadão: maiúscula (Avenida Paulista, Rua Augusta, Largo da Carioca, Praça da República, Parque do Ibirapuera, Túnel Rebouças)</p> <p>Folha: minúscula (avenida Brasil, alameda Barão de Limeira, largo de São Francisco, parque do Carmo ponte Rio-Niterói)</p>		
--	--	--	--

<p>33. Formas de tratamento comuns e suas abreviaturas. Ex.: doutor, dr., senhora, sra.</p> <p>34. Interior. Ex.: O interior de São Paulo</p> <p>35. Exterior. Ex.: O prefeito viaja de novo para o exterior.</p> <p>36. Pontos Cardeais que definem limite geográfico ou direção. Ex.: O nordeste de Goiás / Vitória está 524 quilômetros a leste de Belo Horizonte / O Sol nasce no oriente e se põe no ocidente.</p> <p>37. Gentílicos. Ex.: os brasileiros / os alemães</p> <p>38. Meses e dias da semana. Ex.: janeiro, segunda-feira</p>			
--	--	--	--

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Ao analisar acima o quadro comparativo dos manuais, objeto do presente estudo, verifica-se o total de 69 ocorrências de emprego das palavras. Desse total, 38 apresentam convergência e 16 apresentam divergência, constando ainda 15 ocorrências, nas quais o emprego das palavras é abordado somente por um dos manuais. Em suma, subtraindo as 15 ocorrências, que não são comuns aos dois manuais, 54 ocorrências são abordagens comuns aos dois manuais, apresentando assim índice de 70,37% de convergência e de 29,63% de divergência.

Portanto, a convergência predomina, já que, ao padronizarem elementos linguísticos, por meio de manuais que convergem, sobressai o aspecto da uniformização da escrita entre essas duas fontes de consulta, trazendo, conforme especifica Aristides Coelho Neto “a homogeneização da redação institucional [ou jornalística].” (COELHO NETO, 2013, p. 96).

A Base XIX do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 apresenta 16 ocorrências de emprego das palavras, sendo que destas, seis são de caráter facultativo (aceita-se maiúscula ou minúscula), sete admitem somente a inicial maiúscula e três admitem somente a minúscula, que convergem com o estipulado pelos manuais. Dessa forma, apesar de não haver divergências entre o Acordo Ortográfico e os dois manuais, estes são mais abrangentes por apresentarem um leque maior de situações de emprego das palavras, com 57 ocorrências pelo **Manual de Redação da Folha de S. Paulo** e 66 ocorrências pelo **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, contra 16 ocorrências do citado Acordo.

Quanto às divergências verificadas nos dois manuais, estas se referem a: nomes de santos (hagionimos); entidades religiosas que não são absolutas; designação de figuras do sincretismo religioso; a palavra País (quando se referir ao Brasil); a palavra Nação; a palavra Prefeitura;

a palavra Município; designação de leis e normas (apenas conhecidas por seus números); a palavra Igreja (quando acompanha uma designação); a palavra Ministério (quando se referir ao conjunto de ministros/ministérios); a palavra Ministério (quando se mencionar mais de um ministério); palavras que designam ciências, ramos do conhecimento e disciplinas; palavras que designam festas populares e pagãs; a palavra Rádio (nome de emissora); nomes de acidentes geográficos e suas denominações; nomes de vias e logradouros públicos.

A fim de se verificar a eficácia da definição das normas dos manuais quanto à colocação de iniciais maiúsculas e minúsculas nos diversos empregos das palavras, torna-se necessário confrontar, por meio do estudo de matérias jornalísticas publicadas nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, se o jornalista/revisor estabelece, com relação às divergências, critérios diferentes daqueles que estão apontados nos manuais.

Seguem exemplos extraídos de matérias jornalísticas nas edições online dos dois jornais, destacando-se as ocorrências que apontam divergência:

Exemplo 1

Emprego da palavra: **Ministério** (ao se referir ao conjunto de ministros/ministérios)

- Manual de *O Estado de S. Paulo* (inicial maiúscula)
- Matéria jornalística

Parlamento predomina em novo **Ministério**

Dos 23 nomeados, 19 são ou foram do Congresso ou da cúpula de seus partidos

Brasília — O presidente em exercício Michel Temer deu prioridade a nomes de políticos para a equipe de governo, com foco na experiência no Congresso. [...] O peemedebista almejava o que foi definido como **Ministério** de “notáveis”, mas acabou cedendo à pressão dos partidos para manter o compromisso de reduzir o tamanho do primeiro escalão. [...] www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,parlamento-predomina-em-novo-ministerio,10000050961

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.
- Manual da *Folha de S. Paulo* (inicial minúscula)
- Matéria jornalística

PSDB Mulher critica **ministério** de Temer apenas com homens

Ala de um dos partidos que integram o novo governo de Michel Temer, o PSDB Mulher criticou nesta sexta-feira (13) a falta de representatividade no **ministério** montado pelo peemedebista. [...] <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1771049-psdb-mulher-critica-ausencia-de-mulheres-em-ministerio-de-temer.shtml>

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.

Exemplo 2

Emprego da palavra: **País** (quando se referir ao Brasil)

- Manual de **O Estado de S. Paulo** (inicial maiúscula)
- Matéria jornalística

Gilmar Mendes deseja sucesso a Temer pela ‘difícil missão’

Ministro do STF tomou posse como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e fez votos de sucesso ao presidente da República em exercício, Michel Temer

Brasília – Em duro discurso com críticas aos anos de governo do PT, o ministro fez votos de sucesso ao presidente da República em exercício, Michel Temer.

Sem mencionar o nome da presidente afastada, Dilma Rousseff, e de seu antecessor, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ministro afirmou que a atual crise impõe ao **País** um clima de sobressalto, “como se, a cada manhã, os brasileiros se pusessem a postos para esperar o escândalo da hora”. [...]

Com elogios à Operação Lava Jato, o ministro mencionou o escândalo do mensalão, de 2005, e afirmou que, agora, o **País** “passa ao largo da inércia” e que “não remanesce qualquer dúvida de que o **País** se reorientou, guiando-se agora pelos ventos incontroláveis da participação-cidadã”, em referência às manifestações populares contra o governo Dilma. www.politica.estadao.com.br/noticias/geral,gilmar-mendes-deseja-sucesso-a-temer-pela-dificil-missao.10000050927

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.
- Manual da **Folha de S. Paulo** (inicial minúscula)
- Matéria jornalística

Mendes assume TSE e diz que **país** ‘resistiu bravamente’ a desmandos

A posse do ministro Gilmar Mendes na presidência do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) foi marcada pelo impacto do afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República e posse do presidente interino Michel Temer (PMDB), ocorrida horas antes.

De um lado, o peemedebista ouviu que está “legitimado” para comandar o **país** e, de outro, indiretamente recebeu o recado de que é preciso dar soluções efetivas para o “desenlace da abissal crise política”.

[...]

Num de seus discursos mais duros sobre a crise política e repleto de frases de efeito, Mendes disse que a Operação Lava Jato mostrou que o **país** se reorientou, situação que vem desde o mensalão, quando o escândalo do governo Lula mostrou que “era da impunidade e da complacência com os poderosos sucumbia”.

[...]

<http://www1.folha.com.br/poder/2016/05/1770835-mendes-assume-tse-e-diz-que-pais-resistiu-bravamente-a-desmandos.shtml>

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.

Exemplo 3

Emprego da palavra: Carnaval (festas populares e pagãs)

- Manual de **O Estado de S. Paulo** (inicial minúscula)
- Matéria jornalística

Folia nas ruas de SP continua até domingo

Para a Prefeitura, **c**arnaval já é o evento mais lucrativo da cidade, ao gerar mais receita e atrair público de fora maior do que Fórmula 1

SÃO PAULO – “Quarta-feira sempre desce o pano”, lembra Chico Buarque em *Sonho de Um Carnaval*. Para os paulistanos, entretanto, a quaresma não interrompe a festa. Sessenta blocos estão previstos para agitar a cidade no próximo fim de semana e os foliões já fazem planos de segui-los. Para a Prefeitura, o **c**arnaval de São Paulo já é o evento turístico mais lucrativo da cidade, ao gerar mais receita e atrair um público de fora maior do que a Fórmula 1, que até então ocupava esse posto.

“Já estou me programando. Sábado quero estar em um bloco na Santa Cecília”, diz a estudante Larissa Almeida, de 16 anos. Carioca radicada aqui há menos de um ano, a atriz e produtora Tamires Moreira, de 21, está curtindo como nunca a folia. “É uma atmosfera diferente do Rio, mas muito legal”, comenta. “Claro que irei no fim de semana. Se tiver **c**arnaval o ano inteiro, vou no ano inteiro.”

[...]

<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,folia-nas-ruas-de-sp-continua-ate-domingo,10000015622>

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.
- Manual da **Folha de S. Paulo** (inicial maiúscula)
- Matéria jornalística

Blocos de São Paulo atraem até turista e entram na rota da folia nacional

Por Blog Alalaô

“Passei o **C**arnaval em São Paulo! “ Quem se atrevesse a cometer tal heresia tempos atrás ganhava em troca um carão de reprovação. Coisa do passado... A mais popular das festas brasileiras na maior metrópole da América do Sul entrou na rota dos turistas.

[...]

Cerca de 2 milhões de pessoas passaram pelo **C**arnaval de São Paulo, segundo a gestão Haddad (PT). A expectativa é que 2% deles sejam turistas – ou seja, 40 mil. E 64% do total participaram dos blocos nas ruas paulistanas pela primeira vez, conforme pesquisa da prefeitura.

O número oficial de visitantes pode até parecer baixo ante o total de foliões nos bombadíssimos blocos, mas quando se olha para trás e se constata que não faz muito tempo “bombadíssimo” era um adjetivo que não cabia na mesma frase com as palavras “**C**arnaval” e “São Paulo”, o sucesso está mais que claro.

[...]

Boa parte dessa turma fica hospedada em casas de amigos, mas, diante do maior **C**arnaval de rua da sua história, sobrou para hotéis e hostels. O Sampa Hostel, da Vila Madalena, teve 85% de ocupação, segundo a dona, Deborah Cavaliere, 37, um aumento de 10% em relação ao **C**arnaval passado. Parece pouco, só que não. “Historicamente, o **C**arnaval era um período de baixa ocupação.”

[...]

<http://alalao.blogfolha.uol.com.br/2016/02/10/impulsionada-pelos-blocos-cidade-de-sao-paulo-entra-na-rota-da-fofia-nacional>

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.

Exemplo 4

Emprego da palavra: nos Acidentes Geográficos e sua denominação

- Manual de **O Estado de S. Paulo** (inicial maiúscula)
- Matéria jornalística

Nova pesquisa no Rio aponta esgoto bruto até longe da costa da **B**aía de Guanabara

Uma nova leva de estudos e análises realizados pela agência The Associated Press (AP), divulgados nesta quarta-feira, indicaram que a **B**aía de Guanabara e a **L**agoa Rodrigo de Freitas têm níveis de vírus patógenos equivalentes ao de um esgoto bruto. E esses níveis estão presentes mesmo nas raias longe da costa da baía, segundo apontou a pesquisa que mais uma vez coloca em xeque a organização da Olimpíada do Rio e a prefeitura local, que veem a má qualidade da água nos locais de disputas de velas, canoagem de velocidade e remo como um calcanhar de Aquiles dos Jogos de 2016.

[...]

<http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,nova-pesquisa-no-rio-aponta-esgoto-bruto-ate-longo-da-costa-da-baia-de-guanabara,1805623>

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.

- Manual da **Folha de S. Paulo** (inicial minúscula)
- Matéria jornalística

Paes diz que poluição da **baía** de Guanabara não é um ‘tema olímpico’

A poluição da **baía** de Guanabara, um dos temas mais preocupantes entre atletas e dirigentes estrangeiros para os Jogos de 2016, não é um problema olímpico, disse nesta quinta-feira (28) o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes.

Segundo Paes, os atletas vão competir em raias que estão dentro dos padrões exigidos pelos organizadores do evento. Para ele, a **baía** de Guanabara é um problema das cidades da região metropolitana do Rio, que lançam diariamente esgoto no local.

[...]

<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/01/1734714-paes-diz-que-poluicao-da-baia-de-guanabara-nao-e-um-tema-olimpico.shtml>

- Critério: a matéria jornalística segue critério semelhante ao apontado pelo manual.

Constata-se, nesses exemplos de fragmentos de matérias jornalísticas, o fiel cumprimento do jornalista/revisor às normas estipuladas nos dois manuais para colocação de iniciais maiúsculas ou minúsculas. Ao demonstrar que não se criam critérios diferentes daqueles que estão apontados nos manuais, esses exemplos comprovam a presença eficaz da padronização textual.

4 Considerações finais

Os resultados do estudo comparativo respondem às indagações lançadas na introdução deste artigo e alcançam-se os objetivos elencados também neste estudo. Demonstrou-se a predominância da convergência entre os dois manuais e as divergências apontadas seguiram critério semelhante aos estipulados nos respectivos manuais. Por conseguinte, esses aspectos reforçam afirmações de Caprino de que “a padronização é elemento essencial ao estilo jornalístico” (CAPRINO, 2002, p.100) e as de Lopes, ao declarar que “o texto jornalístico é também resultante da prática de uma escrita instrumentalizada pelo manual de redação.” (LOPES, 2012, p.78).

Conforme já exposto neste artigo, o texto jornalístico é paradigma de norma culta, tanto que é amplamente utilizado nas escolas, no ensino da língua. Apesar de fazer essa aproximação com a norma culta, a relação do jornal com a língua propriamente dita não difere, no geral, das regras rígidas impostas pela gramática normativa, em que se insere a língua-padrão. Os manuais de redação jornalísticos, ao se utilizarem da padronização, estruturam-se, conforme Coelho Neto, “em instrumentos de homogeneização da redação institucional” (COELHO NETO, 2013, p. 96), tornando-se publicações voltadas para a aplicação prática da língua.

Portanto, ao definirem a colocação de iniciais maiúsculas ou minúsculas nos diversos empregos das palavras, os manuais não se confrontam com o estabelecido nas regras impostas pelo Acordo Ortográfico de 1990, mas expandem a sua aplicação, apresentando mais opções de situações de emprego das palavras, que se ajustam às demandas da linguagem jornalística e ao mesmo tempo trazem uniformização às escritas dos respectivos jornais.

Ao expandir sua aplicação, prevendo diversas situações de empregos das palavras, que não estão claras ou não são tratadas pelas fontes oficiais — como o Formulário ortográfico de 1943, o Acordo Ortográfico de 2009, manuais de ortografia e gramáticas normativas —, os manuais de redação jornalísticos tornam-se, sim, fontes de consulta para os revisores e público em geral, não se limitando somente à esfera da imprensa.

Referências

BURNETT, Lago. **A língua envergonhada**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991 *apud* CAPRINO, Mônica Pegurer. Questão de estilo: o texto jornalístico e os manuais de redação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Unesp, a. 23, n. 37, p. 105-123, 1º sem. 2002.

CAPRINO, Mônica Pegurer. Questão de estilo: o texto jornalístico e os manuais de redação. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Unesp, a. 23, n. 37, p. 105-123, 1º sem. 2002. Disponível em: http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_unesp/article/viewArticle/3664. Acesso em: 10 abr. 2016.

COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. 3. ed. Brasília: Editora Senac-DF, 2013, 324 p.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Letramento, leitura e escrita. Brasília: Faculdade de Educação-Unb, 2002. In: COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. 3 ed. Brasília: Editora Senac-DF, 2013.

JERÔNIMO, Maria Clara Antônio. Como se livrar de uma acusação com algumas notas. **Cadernos de Iniciação Científica da Fundação Casa de Rui Barbosa**, Rio de Janeiro, n. 2, 2008. Disponível em: http://casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/texto/ini_cient/FCRB_CadernosIniciacaoCientifica_2008.pldf. Acesso em: 28 mar. 2016.

LOPES, Maraísa. **Folha: do manual ao jornal ou do jornalístico ao pedagógico**. 2012. 191f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2012.

LUFT, Celso Pedro. **Grande manual de ortografia globo**. Porto Alegre: Globo, 1983.

LUFT, Celso Pedro. **Grande manual de ortografia**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2013. 274 p.

MANUAL DA REDAÇÃO. 19. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Moderna, 1997.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. O Manual do Estado e linguagem jornalística. 2000. Entrevista concedida a Mônica Pegurer Caprino.

PFEIFFER, Castellanos Cláudia. Escola e divulgação científica. In: GUIMARÃES, E. **Produção e circulação do conhecimento: estado, mídia e sociedade**. Campinas: Pontes, 2001 apud LOPES, Maraísa. **Folha: do manual ao jornal ou do jornalístico ao pedagógico**. 2012. 191f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2012.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Não tropece na língua: lições e curiosidades do português brasileiro**. Curitiba: Bonijuris, 2013. 304 p.